A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA SENSORIAIS E NÃO SENSORIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE PONTA PORÃ E A ABORDAGEM DOS PROFESSORES

THE INCLUSION OF SENSORIAL AND NON-SENSORY DISABLED STUDENTS IN THE LITERATURE OF PHYSICAL EDUCATION AND THE TEACHER'S APPROACH

Lino Gonçalves[1]
Rita de Fátima da Silva[2]

RESUMO: O presente trabalho expõe considerações sobre os desafios e avanços conquistados na inclusão dos alunos com deficiência sensorial ou não sensorial nas aulas de Educação Física. Para compreensão de como ocorre essa inclusão, foi realizada uma pesquisa de campo, através da aplicação de questionário aos profissionais da Educação Física, em cinco escolas da rede municipal de Ponta Porã – MS. O objetivo do trabalho foi identificar o pensamento dos professores de Educação Física Escolar da rede regular sobre a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas, para detectar o posicionamento dos professores de Educação Física com relação à inclusão dos educandos com necessidades especiais em suas aulas, e se acontecem ou não as aulas inclusivas. Nesse sentido é possível inferir que: as ações dos professores sobre as aulas de educação física, com relação à inclusão de pessoas em condição de deficiência ainda não estão efetivando o que aparece em seus discursos, o que revela um descompasso entre pensamento e ação, dessa forma a legislação concernente a inclusão, no contexto da Educação Física Escolar ainda não tem guarita.

Palavras-chave: Inclusão. Educação Física Adaptada. Formação de Professores

ABSTRACT: This paper presents considerations about the challenges and advances achieved in the inclusion of students with sensory or non - sensory disabilities in Physical Education classes. To understand how this inclusion occurs, a field survey was carried out, through the application of a questionnaire to Physical Education professionals, in five schools of the municipal network of Ponta Porã – MS. The objective of this work was to identify the thinking of the teachers of Physical Education School of the regular network about the inclusion of students with disabilities in their classes to detect the position of physical education teachers in relation to the inclusion of students with special needs in their classes, And whether or not inclusive classes take place. In this sense it is possible to infer that: the actions of teachers on physical education classes, regarding the inclusion of disabled people are still not effecting what appears in their speeches, which reveals a mismatch between thought and action, Legislation concerning inclusion, in the context of Physical Education School does not yet have a guardhouse.

Keywords: Inclusion. Adapted Physical Education. Teacher training

[1] Professor da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. *E-mail*: lino.goncalves@gmail.com
[2] Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

Para falar sobre inclusão na Educação Física é preciso repensar sobre a inclusão na escola, qual o sentido que se está atribuindo à educação do aluno, compreendendo que é muito complexo e amplo tudo o que envolve essa temática.

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. (BRASIL, 2005).

Contudo, a inclusão coloca inúmeros questionamentos aos professores e técnicos que atuam nessa área. Por isso é necessário avaliar a realidade e as questões e opiniões sobre o termo, o maior desafio é transformar a mentalidade preconceituosa instalada no meio escolar em movimento coletivo para mudar essa visão, através da ação dos profissionais da educação em mudar este quadro.

A Educação Especial Inclusiva e a Educação Física Escolar

A educação inclusiva desloca o enfoque individual, ou seja, aquele que é centrado no aluno, para a escola onde e necessário reconhecer no seu interior a diversidade de diferenças individuais, físicas, culturais e sociais.

Os objetivos da educação inclusiva de acordo com Oliveira (2005, p. 23) é:

> - Integrar das pessoas com deficiência a sociedade;
> - Expansão do atendimento as pessoas com deficiência na rede regular de ensino;
> - Ingresso em turmas de ensino regular sempre que for possível;
> - apoio ao sistema de ensino regular para criar condições de integração;
> - conscientização da comunidade escolar para a importância da presença do aluno com deficiência em sala regular;
> - integração técnico e pedagógica entre os educadores que atuam nas salas de aula do ensino regular e os que atendem em salas de educação especial;
> - integração das equipes de planejamentos da educação comum com os da educação especial, em todas as estancias administrativas e pedagógicas do sistema educativo;
> - desenvolvimento de ações integradas nas áreas de ação social, educação, saúde e trabalho (OLIVEIRA, 2005, p. 76).

Assim, acredita que um sistema educacional que ofereça a possibilidade de inclusão baseia-se na crença e no principio de que toda as crianças conseguem aprender, participar de atividade co-curriculares e extra-curriculares, e precisam receber programas educativos adequados e relevantes a suas necessidades.

Segundo Sassaki (1997, p. 22):

> A inclusão é um processo que exige transformações, pequenas e grandes nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com necessidades especiais, com o objetivo de se alcançar uma sociedade que não só aceite e valorize as diferenças individuais humanas, por meio da compreensão e da cooperação.

Para Matoan (2003, p. 32), **"**A inclusão é a modificação da sociedade, sendo ela adaptada para receber as pessoas com deficiência**",** para a autora, não basta que só o ambiente escolar seja adaptado, é necessário que a escola mude para receber os alunos.

Ainda conforme a autora, as Escolas Inclusivas propõem um modo de organização do Sistema Educacional que considera as necessidades de todos os alunos..

1 A Educação Física Adaptada

A Educação Física Adaptada é uma área de conhecimento da Educação Física que tem como ideia principal incluir as pessoas com deficiência em um conjunto de atividade, jogos, esportes e exercícios. Pois, muitas vezes, essas pessoas são excluídas devido a suas condições.

Segundo Duarte e Werner (1995, p. 35):

> A Educação Física Adaptada é uma área da educação física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educacionais especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento ás características de cada aluno com deficiência, respeitando suas diferenças individuais.

Para o autor citado, o processo de ensino e aprendizagem deve ser adequado as às características individuais de cada pessoa com deficiência.

"Educação Física Adaptada é um campo emergente da educação física, onde o professor deve ser paciente, observador e criativo". O autor destaca a importância do professor, pois, para lidar com esses indivíduos, as dificuldades são sempre maiores FILUS; MARTINS JUNIOR (2004, p.79).

Dessa forma percebe-se que a Educação Física esbarra em históricas dificuldades, onde são selecionados os mais aptos e os melhores para sua prática, sendo que os demais alunos, aqueles considerados anormais ficam de fora. Assim, com o surgimento da Educação Física Adaptada vem contribuindo para minimizar esta visão da disciplina, fazendo com que as escolas repensem sobre as necessidades dos alunos com deficiência.

Cabe aos professores de Educação Física que trabalham com as pessoas com deficiência ou não, terem conhecimentos básicos relativos ao seu aluno, bem como

competência para organizar os ambientes que permitem a execução das tarefas, conforme o aluno for se adaptando às aulas, o nível vai aumentando. O professor tem que respeitar a individualidade dos alunos sabendo explorar seus potenciais.

Nesse sentido Bueno e Resa (1995, p. 23), destacam que "A Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência não se diferencia da Educação Física em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao individuo deficiente" .

Para as autoras, o professor precisa ter planejamento que vise atender às necessidades de seus alunos, combinando procedimentos para romper as barreiras da aprendizagem; é preciso que o professor seja criativo, adaptando as aulas de acordo com nível de deficiência do seu aluno. Não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar inúmeros procedimentos para remover as barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos.

2 A Trajetória da Educação Física Adaptada

Historicamente, a origem da participação de pessoas deficientes que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas ocorreu em programas denominados de ginástica médica, na China, cerca de 3 mil anos a.C. (GORGATTI; COSTA, 2005).

A Primeira Guerra Mundial exerceu fator essencial no uso de exercícios terapêuticos e atividades recreativas que auxiliavam na restauração da função.

Já, no final do século XIX até a década de 1930 os programas de atividade física começaram a passar de treinamento físico com orientação médica para Educação Física voltada ao esporte, e surgiu a preocupação com a criança como um todo.

Após a Segunda Guerra Mundial, aumentou o uso de exercícios terapêuticos em hospitais para a força e função muscular. Centros de convalescença (recuperação que se segue a doença, operação, traumatismo, etc) e reabilitação foram criados. Jogos e esportes adaptados para amputados, paraplégicos e outros com deficiências maiores tornaram-se populares.

Dessa maneira, as atividades físicas para deficientes iniciaram com o intuito de reabilitar jovens lesionados nas batalhas e foram introduzidas pelo médico (neurologista e neurocirurgião) Ludwig Guttman, que acreditava ser parte essencial do tratamento médico para recuperação das incapacidades e integração social. A partir de então, vem se

difundindo pelo mundo todo e hoje exerce papel fundamental na vida dos praticantes WINNICK, (2004).

Nas décadas de 30 e 50 os programas de Educação Física entre as décadas de 1930 e de 1950 consistiam de aulas regulares ou corretivas para alunos que hoje seriam considerados "normais" WINNICK (2004).

Segundo a autora citada, nesse período a indicação para a Educação Física Adaptada se baseava em um exame completo realizado por um médico que determinava se o estudante devia participar do programa normal ou do corretivo. As aulas corretivas consistiam basicamente de atividades limitadas, restritas ou modificadas, relacionadas a problemas de saúde, postura ou aptidão física. Em muitas escolas, os alunos eram dispensados da Educação Física; em outras, o professor normalmente trabalhava em várias sessões diárias de Educação Física normal. Os líderes da Educação Física corretiva continuavam tendo sólida formação em medicina ou fisioterapia. WINNICK (2004).

Na década de 1950, segundo o autor citado anteriormente, cada vez mais alunos descritos como deficientes utilizavam as escolas públicas e a visão em relação a eles ia se tornando cada vez mais humanística.

Em 1952, segundo o autor, a Associação Americana de Saúde, Educação Física e Recreação, constituiu um comitê para definir a subdisciplina e ditar orientações e diretrizes para os profissionais:

> Esse comitê definiu a Educação Física Adaptada como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos, esportes e ritmos, adaptado aos interesses, às capacidades e limitações dos alunos portadores de deficiência que não podem participar com sucesso e segurança das rigorosas atividades do programa geral de Educação Física. (WINNICK, 2004, p. 10).

Assim, percebe-se que a definição mostrava a crescente diversidade da Educação Física e, especificamente, incluía as pessoas com deficiência, no que se constituiu a chamada Educação Física Adaptada.

Da ginástica médica à primeira concepção mais clara e consistente de Educação Física Adaptada, adotada na década de 1950, muitos programas foram desenvolvidos com os mais diversos nomes, como Educação Física Corretiva ou Ginástica Corretiva, Preventiva, Educação Física Ortopédica, Educação Física Reabilitativa e Educação Física Terapêutica. (GORGATTI; COSTA, 2005).

Assim, percebe-se que as mudanças de nomenclatura refletem a constante preocupação de profissionais e pesquisadores em atribuir uma identidade atualizada e devidamente contextualizada à Educação Física Adaptada:

> À medida que os programas de Educação Física Adaptada assumiam uma identidade essencialmente educativa/pedagógica, outras denominações surgiram, como Educação Física Desenvolvimentista, Ginástica Escolar Especial, Educação Física Modificada, Educação Física Especial e Educação Física Adaptada. (GORGATTI; COSTA, 2005, p.3).

Para os autores citados a diferença básica entre Educação Física Especial e Educação Física Adaptada, está relacionada à constituição dos grupos, em virtude das limitações, onde os estudantes com deficiência não poderiam se engajar de modo irrestrito, de forma segura e com sucesso, em atividades vigorosas de um programa de Educação Física.

3 Conceitos e Objetivos da Educação Física Adaptada

A Educação Física tem um papel importante no desenvolvimento global dos alunos, principalmente daqueles com deficiência, tanto no desenvolvimento motor quanto nos desenvolvimentos intelectual, social e afetivo. Quando se trata da Educação Física Adaptada, pensa-se em uma área de conhecimento que discute os problemas biopsicossociais da população considerada de baixo rendimento motor: portadores de deficiência física, deficiências sensoriais (visual e auditiva), deficiência mental e deficiências múltiplas (DUARTE; LIMA, 2003).

A Educação Física Adaptada procura tratar do aluno sem que haja desigualdades, tornando a autoestima e a autoconfiança mais elevada através da possibilidade de execução das atividades, consequentemente da inclusão. As atividades proporcionadas pela Educação Física Adaptada devem oferecer atendimento especializado aos alunos com necessidades especiais, respeitando as diferenças individuais, visando proporcionar o desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento de suas potencialidades, como também, sua integração na sociedade. (DUARTE; LIMA 2003).

Em relação a conceito, a Educação Física Adaptada, de acordo com Rosadas (1994, p. 05), "é a Educação Física aplicada em condições especiais, visando uma população especial que necessita de estímulos especiais de desenvolvimento motor e funcional".

A Educação Física Adaptada também pode ser conceituada como a Educação que envolve modificações ou ajustamentos das atividades tradicionais da Educação Física para

permitir às crianças *c*om deficiências participar com segurança de acordo com suas capacidades funcionais DUARTE; LIMA (2003, p. 92).

Para Seaman; De Pauw, a Educação Física Adapta*da* tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com deficiência, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais (apud PEDRINELLI, 1994).

Sendo assim, a Educação Física Adaptada tem sido valorizada e enfatizada como uma das condições para o desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo das pessoas, sendo considerada, de uma maneira geral, como atividades adaptadas às capacidades de cada um, respeitando suas diferenças e limitações, proporcionando as pessoas com deficiência a melhora do desenvolvimento global, consequentemente, da qualidade de vida.

Na Educação Física Adaptada para pessoas em condição de deficiência o conteúdo não é diferente, mas sim adaptado para cada tipo de deficiência. "A Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência não se diferencia da Educação Física em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao indivíduo deficiente (BUENO; RESA 1995, apud GORGATTI; COSTA, 2005).

A Educação Física Adaptada é uma parte de Educação Física, cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas. Seu foco é o desenvolvimento da cultura corporal de movimento. Atividades como ginástica, dança, jogos e esportes, conteúdos de qualquer programa de atividade física, devem ser considerados tendo em vista o potencial de desenvolvimento pessoal (e não a deficiência em si). (GORGATTI; COSTA, 2005).

Gorla (1997), cita que a Educação Física Adaptada tem como objetivo, um programa constituído de diversas atividades, que visam atingir determinados objetivos de acordo com a idade cronológica e o grau de desenvolvimento dos indivíduos, visando uma melhoria no rendimento motor, crescimento e saúde.

Bueno e Resa (1995), enfatizam que a Educação Física Adaptada possibilita ao educando a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de uma melhor adaptação ao meio (apud GORGATTI; COSTA, 2005).

Portanto a Educação Física Adaptada deve ensinar os alunos a fazer mudanças dentro de si, para conseguir isso, deve-se respeitar a individualidade de cada um, respeitar

suas diferenças e limitações, trabalhar suas potencialidades, nunca subestimá-los, vibrar com suas conquistas, motivá-los a dar novos passos e oferecer oportunidade para que eles possam desfrutar da alegria proporcionada pela prática recreativa e esportiva. (ROSADAS, 1989).

4. As Abordagens Pedagógicas nas Aulas de Educação Física

Cada professor pauta seu fazer pedagógico em um método, geralmente aquele que mais se identifica com ele. Esses métodos ou formas de trabalhar deve levar a atingir os objetivos de qualquer disciplina. Na Educação Física, há uma série de abordagens que são resultantes da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Segundo Darido (2003) "Estas abordagens resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas" (2003, p. 20). E, as abordagens são determinantes para o fazer e agir pedagogicamente. E na área da educação física, as principais opções de fazer e agir pedagogicamente estão atreladas à abordagem tradicional ou renovadora.

Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física propõem três aspectos relevantes a ser buscado dentro das aulas de Educação Física: o princípio de inclusão, as dimensões dos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais) e os temas transversais (BRASIL, 1998).

Em relação ao princípio da inclusão, a proposta destaca uma Educação Física na escola, dirigida a todos os alunos, sem discriminação. Ressalta também a importância da articulação entre aprender a fazer, a saber porque está fazendo e como relacionar-se neste fazer, explicitando as dimensões dos conteúdos procedimentais, conceitual e atitudinal, respectivamente (DARIDO, 2003).

Ainda segundo a autora citada, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física – PCNs/EF (1998), propõem um relacionamento das atividades de Educação Física com os grandes problemas da sociedade brasileira, sem, no entanto, perder de vista o seu papel de integrar o cidadão na esfera da cultura corporal, através do que dominam de temas transversais (DARIDO, 2003).

Quanto ao princípio da inclusão, é destacado que a educação física na escola deve ser dirigida a todos os alunos, sem discriminação alguma. Considera também a importância de articular os conteúdos entre aprender a fazer, saber por que está fazendo e como se relacionar neste fazer, explicitando as dimensões dos conteúdos procedimental, conceitual e atitudinal, respectivamente. Ainda propõe uma relação das atividades da educação física

escolar com os grandes problemas da sociedade brasileira, sem, no entanto, perder de vista o objetivo de integrar os estudantes na esfera da cidadania e da cultura corporal de movimento. Tal relação proposta é chamada de temas transversais (DARIDO e RANGEL, 2008):

> A Educação física dentro da sua especificidade deverá abordar os temas transversais, apontados como temas de urgência para o país como um todo, além de poder tratar outros relacionados às necessidades específicas de cada região. Sobre cada tema este documento traz algumas reflexões para serem tratadas pela área, com a intenção de ampliar o olhar sobre a prática cotidiana e, ao mesmo tempo, estimular a reflexão para a construção de novas formas de abordagem dos conteúdos (BRASIL, 1998, p. 34).

Segundo a autora citado, as mudanças nas aulas de Educação Física já estão presentes, e cada educador tem uma percepção sobre os objetivos e formas de se trabalhar a área no meio escolar. Cada professor utiliza a abordagem que julga ser a mais interessante ou adequada para o ensino do esporte, da cultura corporal de movimento ou das atividades sugeridas para a aula especificamente.

As abordagens são determinantes para o fazer e agir pedagogicamente. E, especificamente na área da educação física, as principais opções de fazer e agir pedagogicamente estão atreladas à abordagem tradicional ou renovadora.

A abordagem tradicional tem uma visão totalmente mecânica do movimento humano e, consequentemente da vida humana. Dentro dessa visão mecanicista, historicamente, as aulas de educação física eram planejadas e desenvolvidas baseadas na utilização de um dos três métodos de ensino mais difundidos dentro da abordagem tradicional: método global, método analítico ou parcial e método misto. De certa forma, esses não são utilizados somente para ensinar a educação física, mas estão presentes em muitas outras áreas do conhecimento. A utilização dos métodos global, analítico ou parcial e misto, geralmente, dá-se pelos professores defensores da abordagem tradicional.

Assim, surgem as Abordagens Pedagógicas Renovadoras da Educação física Escolar, que estão subdivididas em: Abordagem Desenvolvimentista, Abordagem Construtivista-Interacionista, Abordagem Critico-Superadora, Abordagem Sistêmica. E Ainda segundo Darido (2003) há a Abordagem da Psicomotricidade, Abordagem Crítico Emancipatória, Abordagem Cultural, Abordagem dos Jogos Cooperativos a Abordagem da Saúde Renovada e a Abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a qual discorre-se sobre a mesma.

Segundo os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física a cidadania é o eixo norteador de sua proposta. Assim, entende-se que a educação física escolar tem como responsabilidade formar alunos capazes de participar de atividades corporais; adotar atitudes de respeito mútuo, valores morais, como solidariedade, dignidade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente; adotar hábitos saudáveis e relacioná-los com os efeitos sobre a própria saúde e a saúde no coletivo; conhecer a diversidade de padrões de beleza, saúde e desempenho nos diversos grupos sociais; analisar criticamente os padrões divulgados pela mídia; reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para a prática do lazer (BRASIL, 1998).

5 Metodologia da Pesquisa

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e o estudo exploratório (este por meio de pesquisa de campo). Aplicou-se questionários (com sete questões sobre a acessibilidade, da educação física adaptada, de metodologias e sobre as abordagens utilizadas nas aulas de Educação Física) a cinco professores de Educação Física que atuam em Escolas Municipais em Ponta Porã-MS. Todos lecionam no Ensino Fundamental I e II; um professor tem especialização em Educação Especial – Atendimento a Necessidades Especiais; um em Educação Física e Atividades Físicas, um em Metodologia e Didática do Ensino Superior e dois não possuem especialização.

6 Apresentação e Discussão dos dados

Todos os professores entrevistados possuem formação em Educação Física, o conhecimento em informática é avançado e participam de curso de capacitações sempre que é oferecido. Em relação à pós-graduação somente um possui na área da Educação Física, dois em outras áreas e dois não a possuem.

A formação na área assegura ao ao prroefessor de Educação Física as capacidades de desenvolvimento intelectual e profissional autonomo e permanente:

> O parecer CNE/CES nº 776/1997 afirmou que os cursos de graduação não podem servir apenas como instrumento de mera transmissão de conhecimento e informação, e sim proporcionar uma sólida formação básica, a fim de que esse aluno egresso, no mercado de trabalho, esteja, apto a se adaptar às rápidas transformações da sociedade, do próprio mercado de trabalho e das condições de exercicio profissional (SILVA; ARAÚJO, 2012. p. 163).

Sendo assim, espera-se que o professor além da formação inicial, curse uma pós-graduação e participe dos cursos de capacitação continuada oferecida pela Secretaria de Educação.

Quadro 1. Sobre as atividades inclusivas

1) Pergunta condutora - Nesta escola são realizadas com frequência atividades inclusivas nas aulas de Educação Física? Comente:

Prof 1	*Sim. Temos vários alunos com Necessidade Especiais e todos eles tem a liberação medica para a pratica da educação física escolar, todos eles participam no seu limite, e as atividades são adaptadas a ele, não fugindo do objetivo.*
Prof 2	*Sempre que um aluno necessita desenvolver atividade juntos com a turma, as aulas de Educação Física são realizadas para a adaptação.*
Prof 3	*No caso especifico de um aluno (que utiliza bengala) sim, pois ele está aceitando a, perda de seu membro através da Educação Física. Ele participa dos jogos e das atividades normalmente, as crianças adoram brincar com ele e até imitam sua limitação.*
Prof 4	*Não. Os alunos com necessidades especiais são encaminhados para sala de recurso onde realizam as atividades de alfabetização e Letramento.*
Prof 5	*Sim. Nós procuramos sempre incluir essas crianças nas atividades, de uma forma ou de outra, para que as mesmas sintam-se bem.*

Por meio da resposta dos professores 1, 2, 3 e 5 se percebe que procuram realizar atividades para incluir todos os alunos nas aulas; o professor 4 respondeu que durante as aulas de Educação Física os alunos com Necessidades Especiais são encaminhados para a Sala de Recurso, desse modo percebe-se que não há inclusão desse aluno nessas aulas.

Nesse sentido Silva e Araújo (2012) destaca que a Educação Física Adaptada, diante da Inclusão, deve:

> Possibilitar que o docente aprenda a levar em conta não somente as limitações de seus participantes, mas também suas potencialidades, possibilitando uma efetiva participação, mas também suas potencialidades, possibilitando uma efetiva participação nas atividades a serem desenvolvidas (ARAÚJO, 2012. p. 81).

Dessa forma pode-se afirmar que mandar o aluno para a sala de recursos, é negar a responsabilidade da Educação Física para com a formação desse educando e, ainda, desconsiderar seu direito à inclusão plena e aos conhecimentos aí produzidos.

Quadro 2. Sobre as Possibilidades e Dificuldades com Relação às Atividades Físicas

2) Pergunta condutora - Quais as atividades rotineiras inclusivas na aula de Educação Física e quais as dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física para realizar as atividades?

Prof 1	*Dependendo da necessidade, a aula é adaptada para que não saia do objetivo principal. A dificuldade maior é o espaço físico mas para a maioria das atividades o espaço é perfeito.*
Prof 2	*Trabalhar atividade com pouco movimento, para atrair as atenções dos outros alunos, as dificuldades encontradas pelo professor é não planejar a suas aulas*
Prof 3	*Jogos folclóricos, Exercícios Físicos, Jogos Pré Desportivos, Desportivos, todas as atividades o aluno participa, como jogador ou como arbitro.*
Prof 4	*Não faço planejamento para eles, conforme explicitei na pergunta anterior. Sinto e acredito que a Escola precisa incluir junto à sala de recursos atividades com o professor de Ed. Física.*
Prof 5	*Coelhinho sai da toca, pato ganso, jó quem pô. A primeira grande dificuldade é o aluno querer participar da atividade e depois é fazer com que os outros entendam que quando chegar a vez do "colega" eles devem correr ou andar como ele.*

Segundo Silva e Araújo (2012) há certa confusão terminológica e conceitual sobre a Educação Física Especial ou Educação Física Adaptada. Ambas se caracterizam como um programa de atividades diversificadas (jogos, esportes e ritmos) adequadas aos interesses, capacidades e limitações de estudantes em condição de deficiência que não podem se engajar na participação irrestrita com segurança e sucesso em atividades de programas de EF em geral (SEAMAN; DE PAUW apud SILVA e ARAÚJO, 2012).

Pelas respostas dos professores ficou vago, se há inclusão nas atividades de rotina realizadas nas aulas de Educação Física. Contudo, o conjunto dos dados indicam a não inclusão, pois brincadeiras soltas não se convertem em conteúdo, o ensino e a aprendizagem não acontecem por acaso, e sem conteúdo não há trabalho pedagógico, sem trabalho pedagógico sério as aprendizagens não são asseguradas e, portanto, o dispositivo da lei que assevera sobre ensino de qualidade a todos não é cumprido.

Quadro 3. Sobre a Efetivação da Inclusão

3) Pergunta condutora - Como fazer para acontecer a Educação Inclusiva nas aulas de Educação Física?

	Desenvolver projeto transdisciplinar.	Melhorar as propostas de capacitação para o professor.	Envolver mais as famílias de todos os alunos na escola e nos projetos desenvolvidos.	A escola promover o encontro dos professores com especialistas sempre que este tiver dúvidas com relação a alguma característica específica da pessoa com deficiência.
Prof. 1		X		
Prof. 2				X
Prof 3			X	
Prof. 4	X			
Prof. 5		X		

Em relação à formação continuada Silva; Araújo, (2012) asseguram que:

> A Educação Física Adaptada, diante da inclusão, deve possibilitar que o docente aprenda a levar em conta não somente as limitações de seus participantes, mas também suas potencialidades, possibilitando uma efetiva participação nas atividades a serem desenvolvidas (SILVA E ARAÚJO, 2012. p. 181).

Portanto, o que o professor necessita deve ser levado em conta. Para isso é necessário que este seja ouvido.

Quadro 4. Sobre as Condições da escola quanto a atividades inclusivas

4) Pergunta condutora - A escola oferece condições para a realização das atividades inclusivas? Justifique?

Prof 1	( ) Sim *(x) Não* */O espaço físico é muito bom, mas não o deslocamento até o espaço da aula. Nesse sentido o local ainda necessita de melhorias, até mesmo no local da realização das atividades, o aluno com NE tem dificuldade para realizá-las./*
Prof 2	*(x) Sim* ( ) Não */As realizações das atividades inclusivas pode ser trabalhadas em sala, na quadra, pátio da escola e na sala de tecnologia. /*
Prof 3	*(x) Sim* ( ) Não */Não temos barreiras arquitetônicas que possam impedir a um aluno com necessidades especiais de realizar as aulas./*
Prof 4	( ) Sim *(x) Não* */A criança fica relacionada no diário de classe do professor, mas frequenta as aulas na sala de recurso./*
Prof 5	*(x) Sim* ( ) Não */Espaço temos e materiais foram comprados para facilitar o nosso trabalho, não muitos, mas já ajuda bastante./*

Duas escolas não oferecem condições para a realização das atividades inclusivas, e três que há condições. Em relação às justificativas solicitadas, pode-se perceber que foram de acordo com as concepções de educação que cada professor tem. Volta-se a questionar se apenas desenvolver joguinhos ou enviar os alunos para a sala de recursos multifuncionais consiste em ação inclusiva. Pois como destacada pelo professor 2 essas atividades podem ser desenvolvidas nas salas de aulas, na quadra, no pátio e na sala de tecnologia.

A resposta do professor 4 é que é preocupante, pois ele relata que o aluno consta no diário, ou seja, é aluno daquele ano, porém nas aulas de Educação Física fica na Sala de Recurso Multifuncionais. Como já salientado esse aluno não tem garantindo seu direito ao princípio da inclusão, os PCNs - área Educação Física – asseguram que a Educação Física na escola deve ser dirigida a todos os alunos, sem discriminação (DARIDO, 2003).

Contudo, questiona-se, essa escola tem uma direção, coordenação. O que esses tem feito em relação a essa questão? Não deveriam ser eles a orientar e buscar capacitação para esse professor em especial? O que se vê é que em relação à inclusão é que se fecha os olhos na direção desse aluno que tem uma condição de deficiência, uma vez que sua presença incomoda, apontando ainda para o não saber dos educadores. Dessa maneira, fechar os olhos a suas necessidades torna-se um refúgio para aqueles que não estão preparados para trabalhar com todas as gentes que se encontram na escola.

Quadro 5. Sobre a Educação Inclusiva

5) Pergunta condutora - Como você vê a Educação Inclusiva nas aulas de Educação Física? Justifique sua resposta.

Prof 1	*/Boa, mas tem muito o que melhorar. O professor se adapta, adapta a sua aula, mas ainda precisa de uma melhor capacitação para ser completa./*
Prof 2	*/Vejo que não tem barreira para trabalhar o aprendizado do aluno, seu desenvolvimento não atrapalha os alunos da sua turma./*
Prof 3	*/Nos primeiros anos da Educação Básica vejo como uma válvula de escape, onde a criança com necessidades é inserida num ambiente de sociabilidade, pois as outras crianças recebem bem 01 ANEEs, mas a cidade não tem estrutura para levar esta criança até o nível superior, seja pela família ou pela própria sociedade./*
Prof 4	*/Relativamente tímido: Temos ainda uma necessidade estrutural, Funcional, organizacional e pessoal para atender esse público na rede de ensino. Isso é a minha realidade./*
Prof 5	*/Para existir a Educação Inclusiva o aluno deve participar ativamente das atividades e não ser expectador ou só ficar com o apito na boca por exemplo. Aqui o nosso cadeirante por exemplo fica de goleiro nas partidas de futebol./*

Para os professores entrevistados ainda não acontece a inclusão dos Alunos com Necessidades Especiais em todas as atividades desenvolvidas. É necessário que realmente o aluno participe ativamente, o que não significa que participará o tempo todo, uma vez que os alunos sem uma condição de deficiência também não o fazem.

Segundo Silva e Araújo (2012) O planejamento das atividades deve ser realizado de acordo com a possibilidade de participação do aluno, seja em grupo específico ou não (2012).

Quadro 6. Organização e abordagens em aulas de Educação Física

6) Pergunta condutora - Como é organizada a aula de Educação Física e quais as abordagem pedagógica você utiliza? Defina como se caracteriza essa abordagem:

	Abordagem Desenvolvimentista	Abordagem Construtivista	Abordagem Critica-Superadora	Abordagem Saúde Renovada	Abordagem PCNs
Prof 1		X			
Prof 2	X	X			
Prof 3	X				
Prof 4			X	x	
Prof 5	X				

Analisando as respostas dos professores percebeu-se que a Abordagem Desenvolvimentista foi a que recebeu o maior número de adeptos.

Segundo Darido (2003) esta abordagem tem como conteúdo as habilidades básicas, habilidades específicas, como: jogo, esporte e dança. Sua finalidade é a adaptação aos valores presentes na sociedade, para isso fazem uso da equifinalidade, variabilidade, solução de problemas. A temática principal fica por conta das habilidades, aprendizagem e desenvolvimento motor. Sendo essa a mais utilizada, não surpreende o fato de os educandos com necessidades educativas especiais, nesse caso específico, em condição de deficiências, estarem excluídos. Essa abordagem favorece os mais habilidosos em detrimento dos menos habilidosos, aqueles com potencial para se destacarem em determinados conteúdoa da EFE. Dessa forma, a criança aqui considerada com falha biológica, porque sem o desenvolvimento considerado normal, seja dos movimentos, segmentos corporais, ou déficit intelectual, não é considerada público da EFE. Ela, portanto, fica a margem da quadra (ou na sala de recursos).

A abordagem construtivista que foi a segunda mais votada, tem como conteúdo, as brincadeiras populares, jogo simbólico e jogo de regras, ou seja, sua finalidade é a construção do conhecimento através do resgate de conhecimento do aluno para a solução de problemas. A temática principal fica por conta da cultura popular, do jogo e do que é lúdico (DARIDO, 2003).

Em relação à abordagem construtivista, Piaget (1990) apud Darido 2003. p. 6, 7), destaca que "no construtivismo, a intenção é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, numa relação que extrapole o simples exercício de ensinar e aprender". Nessa abordagem o educando em condição de deficiência até pode ser considerado alvo da EFE, desde que esse construtivismo não esteja aliado a produtividade dentro de modelos pré-estabelecidos. Ou quando é aceito como público alvo, tudo o que ele faz está bom, afinal aceito o que ele sabe, mas por ato de caridade, não com olhar

pedagógico que utiliza o repertório do aluno como ponto de partida para outras aquisições ao nível de motricidade e corporeidade.

Percebeu-se que nenhum professor entrevistado citou as abordagens referenciadas nos PCNs. Essas abordagens acreditam que eleger a cidadania como eixo norteador significa entender que a educação física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de participar de atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade (DARIDO, 2003). Nessa a cultura corporal é abordada, assim como a corporeidade (fazer-se presença no mundo), e a motricidade (a manifestação da presença de um corpo existencial). Talvez por faltar esse conhecimento de corpo e de movimento aos professores é que os educandos em condição de deficiência não sejam respeitados enquanto seres completos, humanos em essência e vivencia, portanto, dotados de um existir próprio e cheio de significados e significações.

Na justificativa de cada professor sobre como se caracteriza a abordagem que utilizam em suas aulas, o professor 1 destaca que: Por ser uma escola municipal, o material a ser utilizado não é individual, /para poder acontecer isso, eu utilizo materiais recicláveis, confeccionados pelos próprios alunos/ (PROFESSOR 1).

Para o Professor 2 a abordagem desenvolvementista tem como objetivo /discutir as características da Educação Física com base em teorias do desenvolvimento humano, e propor uma abordagem desenvolvimentista para a Educação Física/ (PROFESSOR 2).

Já o Professor 3 que marcou as abordagens desenvolvementista e a construtivista acredita que no caso específico do aluno a proposta pretende adequar às insuficiências do aluno, os movimentos consistentes e desordenados para corrigir os desvios e adequar a aquisição de habilidades; e a segunda proposta é considerar o que o aluno já possui e a partir disso fazer com que ele participe e solucione seus problemas. Parece antagônico, uma hora a preocupação é com o vigiar o corpo, depois corrigi-lo, para depois moldá-lo ao que se acredita certo. Forma ou formação? Faz lembrar um tempo atrás onde a EFE servia a modelagem de corpos dóceis ao comando. Pergunta-se, que formação em Educação Física foi proposta a esses professores? Quais as relações estabelecidas entre professores formadores em Educação Física e acadêmicos, futuros professores de EFE? Terá sido a voz de comando? Observar essas questões ajuda a compreender o entorno das práticas desenvolvidas por esses profissionais no interior da escola.

O Professor 4 marcou a abordagem Critica Superadora e a Saúde Renovada e salientou que Planejamento é: 1º teorizar a prática, 2º Levantamento do centro de interesse

dos alunos, 3º considerando a modalidade de ensino se (Ensino Fundamental, Médio ou EJA). ACS: Historicizar criticamente os conteúdos de forma que a (PROFESSOR 4). Pergunta-se, qual criança? Somente aquelas que não possuem nenhuma condição de deficiência, porque se tiverem ficarão na sala de recurso multifuncional?

O Professor 5 acredita que suas aulas são embasadas na abordagem Desenvolvimentista, e que ela oferece ao aluno condições de desenvolver seu comportamento motor através da diversidade e complexidade de movimentos.

Quadro 7. Quanto à tecnologia

7) Você utiliza a sala de tecnologia em suas aulas? Quais os programas que utiliza? Como você as utiliza?

Prof 1	*Sim. Várias atividades lúdicas educativas como dominó, quebra-cabeça, labirinto, desenvolvendo e melhorando a psico-motricidade e o seu desenvolvimento motor (desenvolvimento cognitivo)*
Prof 2	*Para tornar as aulas de Educação Física mais dinâmicas, ajudando no aprendizado das regras de novos jogos, fugindo do quarteto.*
Prof 3	*Sim, de acordo com o ano é solicitado ao professor da STE desde jogos educativos até vídeos sobre esportes, e também é feito um trabalho com alguns alunos monitores um Projeto de Xadrez, estes depois, auxiliam os outros na aprendizagem.*
Prof 4	*Sim. Smart Kids (Jogos de tabuleiro Vitual) e Google (pesquisa: Histórias dos esportes e jogos). Utilizo através de planejamentos e projetos encaminhados a partir da teorização dos conteúdos previstos na ementa e P.P.P.*
Prof 5	*Aqui na escola nós entramos frequentemente na sala de tecnologia. A professora separa bastante atividades (jogos educativos) para nós e tem um computador para cada aluno.*

O que até aqui foi observado por meio das falas (escritas) dos professores é um conjunto de elementos a se refletir. A aula, mesmo na sala de tecnologia deve estar a cargo do professor, que investiga, seleciona, estuda os materiais anteriormente, tendo no responsável pela sala de tecnologia, que não é professor, um agente de apoio.

As respostas dos professores, nesse quesito, demonstram um discurso politicamente correto, onde as atividades realizadas nas aulas são bem variadas e estão de acordo com a proposta dos PCNs – área de Educação Física – em que "asseguram que um projeto de melhoria da qualidade das aulas deve abranger o principio da inclusão, as dimensões dos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais) e os temas transversais" (DARIDO, 2003. p. 20). Com relação oas PCNs, estes, como apontado anteriormente, não foram citadoss por nenhum professor enquanto abordagem.

Ainda de acordo com as abordagens dos PCNs (1998), é necessário abarcar as diferentes possibilidades da Educação Física na escola, ou seja, a saúde, o lazer e a reflexão crítica dos problemas envolvidos na cultura corporal dos movimentos. E acredita-se que quando o professor de Educação Física utiliza a STE para o desenvolvimento das

suas aulas está desenvolvendo vários aspectos, entre eles o lazer, tirando o enfoque das aulas como salientado pelo professor 2, ou seja, quando citou o "quarteto", acredita-se que trata dos jogos com bolas: basquete, vôlei, futebol handebol. Mais uma vez um discurso politicamente correto, repetindo falas que se ouvem nos cursos de formação. Quando se sai do discurso e faz-se, ou reflete-se e se redescobre uma nova maneira de aplicar as orientações predispostas nos PCNs, o professor desenvolve as dimensões atitudinais e conceituais, indo além do apenas fazer (dimensão procedimental) (DARIDO, 2003. p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho discorreu sobre a Inclusão dos alunos com necessidades sensoriais e não sensoriais nas aulas de Educação Física e sobre o pensamento do professor dessa área.

Com a pesquisa realizada foi possível verificar que:

- Os professores têm ainda dificuldades com a inclusão de alunos em condição de deficiências em suas aulas;
- Há o predomínio da abordagem desenvolvimentista em relação às outras abordagens, direcionando o olhar do professor aos corpos em perfeitos estados para os movimentos (aqui não considerando corporeidade e motricidade que vão além da educação dos movimentos);
- Os espaços escolares não são adequados, desconsiderando o disposto em lei concernente à acessibilidade e à adequação desses espaços;
- Outros segmentos da escola (diretores, coordenadores) apoiam ou desconhecem (o que é tão grave quanto apoiar) as atitudes não inclusivas de professores de EFE, quando deveriam auxilia-los em sua capacitação para o real exercício da docência para todos seus alunos. Afinal a inclusão não é responsabilidade profissional e ética apenas do professor de EFE;
- Por inferência aponta-se que os cursos que formam professores de Educação Física, muito provavelmente estão negligenciando questões que envolvem a Educação Física e as pessoas em condição de deficiência;
- A sala de tecnologia não é utilizada de forma adequada, conforme disposto nos PCNs.

Apontar essas questões não implica em desrespeito ou desconsideração com relação aos professores de Educação Física Escolar, uma vez que também o somos, e, portanto

coautores da realidade apresentada. Na verdade, fica claro que quando estamos "na lida", temos dificuldade de enxergar-mo-nos na ação. Dessa forma vamos fazendo e acabamos descuidando do ato reflexivo que deve permear nossas ações. O que estamos tentando dizer é que precisamos mais que nos ofender com essa ou aquela observação sobre o nosso fazer, e pelo contrário aproveitar o momento para rever posturas, rever conteúdos.

Mas, mais que isso, redescobrir nessa "lida" do dia a dia o prazer do exercício da docência, o amor. Sim, o amor ao nosso fazer, ao que somos, ao que sonhamos e àqueles que por nossas mãos podem se amarem mais.

Parece tolice falar de amor ao término de um trabalho acadêmico. Mas carecemos todos entendermos que nossas profissões não coisas fora de nós mesmos, e que é por amar o que somos (inteiros) que nos respeitamos mais e por extensão ao que fazemos, fazendo-o cada vez melhor. Há um ditado antigo que diz "quem ama cuida". Cuida da sua formação porque se compreende humano, ou seja, um projeto sempre novo e arrojado do porvir. Cuida do outro, corporeidade e motricidade, porque se compreende ele mesmo, um ser que se manifesta e se faz presença no mundo pela motricidade.

Por oras, finalizamos esse processo de escrita e reflexão sobre nossa própria realidade. Antes, justificamos a opção pela primeira pessoa do plural para "fechar" o texto que desenvolvemos. É que de fato nos colocamos como corresponsáveis no quadro que ora se apresenta em nossa cidade no que diz respeito a inclusão ou não de educandos em condição de deficiência.

Sabemos que isso poderá contrariar a estética e estrutura determinada para um trabalho acadêmico. Mas, desde já assumimos esse ônus, no que, se diferente fosse, não nos sentiríamos confortáveis em relação aos nossos apontamentos. No mais, vivemos e agimos por meio de nossa utopia, a inclusão de pessoas em condição de deficiência é possível e realizável, e nós a construiremos.

REFERÊCIAS

BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z**.** *Educación Física para niños y niñas com necessidades educativas especiales.* Málaga: Ediciones Aljibe, 1995.

BRASIL, *Educação Especial*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 25, p. 9-24, 2005.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1988.

DARIDO S. C. *Educação Física na Escola*: Questões e Reflexões. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan S.A. 2003.

_____; RANGEL, Irene Conceição de Andrade. *EF na escola*: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. *Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais: Experiências e Intervenções Pedagógicas.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 2003.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: CURSO de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995, v. 3.

FIGUEIRA, E. ***A Imagem do Portador de Deficiência Mental na Sociedade e nos Meios de Comunicação*.** Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. 2014.

FILUS, J.; MARTINS JUNIOR, J. *Reflexões sobre a formação em educação física e a sua aplicação no trabalho junto às pessoas com deficiência*. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 15, n. 2, p. 79-87, 2. sem. 2004.

GORGATTI, M. G.; COSTA R. F. *Atividade física adaptada*. São Paulo: Manole, 2005.

GORLA, J. I. *Educação Física Especial*: Testes. Rolândia-Pr: Physical-Fisio, 1997.

MANTOAM, Maria Tereza Eglér. *Inclusão escolar*: O que é? Por quê? Como Fazer?. ─ São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar)

PEDRINELLI, V. J. *Educação Física Adaptada*: Conceituação e Terminologia. In: Educação Física e Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência. Brasília: MECSEDES, SESI-DN, 1994, p. 7-10.

ROSADAS, S. C. de. *Atividade Física Adaptada e Jogos Esportivos para o Deficiente*. Eu posso. Vocês duvidam? Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1989.

SASSAKI, Romeu K. *Inclusão.* Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro, Ed. WVA 1997.

SILVA, Rita de Fátima da; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. *Os caminhos da pesquisa em atividade motora adaptada.*– São Paulo: Phorte, 2012.

WINNICK, J. P. Educação Física e Esporte adaptado. São Paulo: Manole, 2004.